

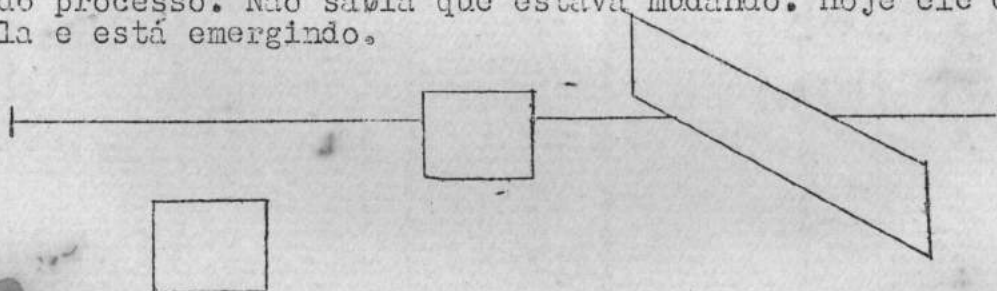
RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
A L F A B E T I Z A Ç Ã O D E A D U L T O S

2º Curso de Treinamento de Monitores (pela equipe do
SEC da Universidade do Recife).

Aula de Fundamentação lógica e psicológica
Professor Jarbas Maciel

A meu ver é um momento que nós vivemos aqui no Brasil. O Brasil não poderia deixar de estar inserido no processo histórico. Nada é intemporal. Paulo fala em tudo isto quando se refere ao trânsito brasileiro. A sociedade brasileira está em trânsito. Está passando por uma fase que ele chama de imersão. A sociedade brasileira estava ensimecada; não tinha nem consciência de si mesmo. Então não havia povo. Havia massa.

Ele diz que isto é o processo histórico, o tempo histórico. Ele diz que o povo brasileiro, no passado, não tinha consciência nem de si mesmo nem do processo. Não sabia que estava mudando. Hoje ele diz que o povo se rebela e está emergindo.



Paulo às vezes se emociona, quando está falando e diz que quando ele visualiza o trânsito ele imagina aquele rio e o povo brasileiro aqueles monstros se levantando, assim, pingando.

Rio é o processo histórico e o povo se levanta. Eu digo a ele, Paulo, está errado. Não é rio de lama, é um pântano. O povo está emergindo e Paulo diz que o trabalho, a função do educador que mereça este nome e inserir é fazer o povo inserir. Então, vejam, aqui ele era massa. Aqui ele está se rebelando ao momento atual. E aqui ele está inserido, ele está autêntico. Está mesmo na sua função de povo. Aqui o homem tem uma consciência mágica. É o tipo de consciência que define este estágio. Isto é o passado. É o ontem. A maneira de pesquisar este ontem é ver que os homens se dividem em progressistas e reacionários. Geralmente os reacionários pensam em termos disto que está aqui. Pensam voltados para o passado. O que eles querem é que o "status quo" do passado seja mantido a todo o custo, assim por diante. Então o Paulo disse a atitude desses homens é uma atitude que se trai por fazer como esta - Vocês sabem com quem estão falando? Paulo disse que isto é uma atitude do ontem, faz parte da consciência mágica e ingênua.

Por uma série de razões, uma série de contradições internas da sociedade brasileira, a maneira como ela foi iniciada através da colonização, a colonização é uma grande contradição, uma série de razões que a sociologia estuda. Há essa passagem para este estado. Nós estamos vivendo isto hoje. O homem brasileiro se rebela. Ele não aceita mais, magicamente os fatalismos. Outras fases do homem do ontem, do reacionário: O Manoel é preguiçoso, o Manoel não tem jeito não. Isso é conversa fiada isto é um fatalismo mágico e não tem nenhuma razão de ser. E o processo histórico brasileiro, esta fase de pré desenvolvimento, esta ideologia do desenvolvimento, esta pré resolução brasileira é exatamente o homem se libertando dessa consciência mágica, desse fatalismo, o vendo que não há de fato nada de inevitável nessa situação de embrutecimento em que ele viveu até hoje e tem vivido. O fato do homem emergir não resolve os problemas. Apenas abre perspectivas. O trabalho de reconstrução da nova sociedade vai ser um Deus nos acuda. A

única razão de eu está aqui falando com vocês é que eu já estou trabalhando para isto. Eu acho que não se vai trabalhar bem sem a perspectiva aberta, direita. Acho que Paulo Freire descobriu uma ferramenta espetacular de abrir perspectivas, de acelerar esta emergência, que isto faz parte da trabalhadora de reconstrução da nossa sociedade.

Quando o homem emerge se rebela e essa rebelião não é nada de que nós devamos nos envergonhar. Rebelião, como P.F. diz é um troço formidável, fabuloso, um fato novo na sociedade brasileira. A gente deve é amparar essa rebelião e instrumentalizar essa rebelião para que ela fique mais rebelde ainda. Não é só o homem se rebelar. Não quero mais saber desta coisa de trabalhar, trabalhar o dia inteiro no campo e nunca ter terra. Mas isto não basta a gente chegar lá e diz porque ter terra, como ele pode ter terra, o que é democracia, o que é processo de democratização. A gente faz isto e este homem desempenha uma atividade muito mais organizada dentro de um todo que é a ideologia do desenvolvimento, da pré-revolução ou da revolução brasileira.

Acontece que quando esse homem emerge, se ele for entregue ao seu próprio automatismo de emergência ele pode se fanatizar. O problema da educação brasileira é inserir o homem no trânsito brasileiro, lhe dando uma consciência crítica. Destruindo a consciência mágica e lhe dando a consciência crítica ele vai se tornar consciente disso que houve no passado, disso que está havendo com o povo brasileiro agora, e do que deve ser o futuro do povo brasileiro. Ele se torna consciente do trânsito, consciente de si mesmo e consciente dos outros homens, consciente de todas as esferas de atividade desde a tomada de consciência comum da esfera lógica, através de todas as outras. Quer dizer, ele como um ser dado e situado, portanto dentro de uma esfera de geografia humana, política e econômica, dentro de uma esfera histórica e vários círculos concêntricos até ... sei lá ...

Há um perigo da consciência que P.F. chama de fanática. É o homem saindo daqui, emergindo, em vez de se inserir, ele se aprisionar a tipo de consciência fanática, em contraposição à crítica. Isto é um perigo tremendo. Isto explica muita coisa. Isto explica o fracasso do cristianismo no mundo. O cristianismo fracassou. Ele deveria ter tomado conta do mundo e ainda não tomou, neste sentido, não é?

Agora eu acho que isto tem razão de ser e eu posso dizer isto porque hoje eu sei e não somente creio, que o cristianismo tem pano nas mangas para tomar conta do mundo. E eu acho que isto é objetivo. Pode se mostrar isto objetivamente, sem nenhuma postulação. O cristianismo tem mesma condição para isto. Hoje eu chego a ponto de dizer que ninguém a não ser os imersos, os cegos, os alienados, mas ninguém, que não seja cego, alienado, todo o mundo que é desalienado, que enche, que está inserido, pois bem todo o mundo nestas condições, mesmo que se diga ateu, brâmane ou muçumano, não interessa. Se ele é desalienado mesmo e se ele está na função de sujeito ele é fundamentalmente cristão. Não há possibilidade. O homem é investido na plenitude de seu ser, ele é fundamentalmente, ontologicamente cristão. Se ele não é de fato é porque houve algum aleijamento desse homem. Não há maneira do sujeito ser a não ser cristão. O que há é que o rótulo não presta. Toda a vez que a gente dá nome a uma coisa a gente esclerosa esta coisa. Se eu chegar na Índia e disser eu vim transformar vocês em cristãos. Todo mundo me joga pedra e me põe com razão pra fora da Índia. Mas se a gente chega lá e sem dar nomes a coisa nenhuma a gente transforma esses homens em verdadeiros sujeitos de si mesmos em verdadeiros agentes de suas próprias ações, responsáveis pelos seus próprios atos, homens altamente integrados no processo histórico particular da Índia, há uma tendência uma evolução histórica mundial, geral.

Se a gente faz isto, não precisa dizer que o homem é cristão, não. No caso a gente instrumentalizou este homem, ajudou para que ele se ajudasse, a si mesmo e se colocasse na posição de sujeito. Responsável pelos seus próprios atos, pessoa, pessoa livre. Então esse homem se fez cristão.

Seja como for, o processo do cristianismo no mundo e no contexto do desenvolvimento (não quero dizer com isto que a Igreja Católica seja um fracasso, que a Igreja Protestante seja um fracasso) mas neste sentido o fracasso se explica pelo fato de que o cristianismo foi empurrado na cabeça dos homens, sem nenhuma democratização sem nenhuma dialogação sem nenhum respeito pelo que paradoxalmente vem a ser o fundamento do cristianismo. O que é o fundamento do cristianismo? É que o homem, postado diante da realidade dá que ele faz parte, realidade esta onde existem outros homens, o homem deve ocupar a posição de sujeito. Então esta realidade tudo o que está fora dele para ver a realidade exterior.

Existe um problema aqui. É que ele, diante dos outros homens tem que respeitar o fato de que estes outros homens que estão em posição de realidade exterior em relação a ele, estes homens também tem o direito de serem sujeitos e que portanto ele está proibido de transformar estes homens em objetos.

Tenho a impressão que qualquer coisa que pretenda ser cristianismo e que não faça isto para começo de conversa, não é cristianismo. É apenas um rótulo vazio. Porque sem o homem que está em posição de sujeito, a gente não pode entender como é que ele é dono de si mesmo, de suas ações, é responsável pelos seus atos, é pessoa humana livre. Sem este ponto de partida a gente não entende isto. A coisa não vai ter coerência lógica.

Então, no momento que o cristianismo passe certo partindo daí, e é engraçado a gente observar que todo o sistema filosófico que partiu / certo e que representa alguma coisa no mundo, alguma contribuição à remissão total da humanidade, também parte daí, mas eu ia dizendo, se o cristianismo parte certo daí, dessa posição dessa inserção do homem na posição de sujeito que é que vai acontecer? Vai acontecer que a gente não vai entender como é que se difundiu assim em termos estatísticos, gerais, em grande número, o cristianismo.

A catequização era feita na base de comunicados. Outra expressão de P. F. ele se queixa muito da educação brasileira. Diz que é uma educação não de comunicação mas de comunicados. Isto não é educação no sentido democratizado. Mas o cristianismo foi assim na base do comunicado. A catequização e a formação descuidados dos sujeitos. O método P. F. entre outras coisas, além de ser arma para nossa revolução brasileira interessa profundamente ao próprio cristianismo no Brasil. A Igreja terá no sistema de educação de Paulo uma arma poderosíssima de cristianização. Mas aí cristianização certa, começando do começo. E o sucesso vai ser uma coisa maravilhosa.

Eu acredito, também, que o método Paulo Freire é uma espinha na garganta, entre outras instituições, ao próprio partido comunista. O partido comunista foi um fracasso total no Brasil, como foi em Cuba. E há razão para isto. E eu quero crer que a espinha na garganta é seríssima porque geralmente os homens colôcados diante da realidade que ele pode conhecer, em vez de se colocar na posição de sujeito, ele sofre uma espécie de retorno / cultural. A cultura passa a agir dialeticamente sobre ele e ele fica cheio de preconceitinhos. Ele pensa que é gente mas não é nada, coisa nenhuma. Ele está cheio de preconceitos.

Então o que a gente vê? Dentro do partido comunista tem uns burrões excelentes. Uns sujeitos incapazes totalmente de entender Marx e Lenin. E que não agem de acordo com Marx e Lenin, que são os seus grandes orientadores. A pior das coisas é que quando aparece uma ferramenta, um sistema de educação como o de Paulo Freire, que mostra, no caso do P.C. onde está o erro dele, onde está o fracasso dele, então o partido, incapazes de uma auto-crítica que ele só faz dizer que tem mas não tem, pelo menos no Brasil, o partido fica se sentindo desvantagiado e não aceita e perde profundamente.

Há entretanto uma empulhação muito maior. Uma empulhação não sómente para o P.C. ou para setores de população brasileira que vão exultar quando a gente demonstrar por a+b que o P.C. fracassou.

Há uma empulhação muito maior. É que estes que estão interessados em que o P.C. fracasse são geralmente altamente mal intencionados e geralmente mais cheios de preconceitos do que os próprios comunistas. Preconceitos de várias ordens.

Não há razão nenhuma. A grande empulhação surge então quando a gente demonstra que se os comunistas estão mesmo bem intencionados, que tem mesmo a remissão e a desalienação do homem, então ele tem que partir daí, também. De fato. Mas se não quer outras coisas, a inserção do homem na posição de sujeito, doa em quem doer. . . .

Hoje em dia há um preconceito criado por uma propaganda deshonesta, segundo a qual a gente não pode falar em Marx. É altamente perigoso. Mas isto é conversa fiada e eu não tenho medo e acho que vocês não têm. E não há necessidade de ter medo. A gente deve ter medo é do desconhecido. Mas do que a gente conhece não.

Mas, se o próprio partido comunista quer isto e deve querer isto; surge a grande empulsação, essa ninguém entende não. No sentido mundial. Então o que vai acontecer? Os cristãos mesmo de verdade vão querer isto. Os comunistas vão querer isto. Os que não são nem cristãos nem comunistas / mas trabalham com arborescência vão querer isto também. Daqui a pouco todo mundo / vai querer isto e eu quero saber como é que vai se parar este processo terrível. Esta frente única terrível. Dentro de alguns anos está montada aí a empulsação dos Estados - Unidos.

Na aula anterior eu estava dizendo, eu vejo no drama dos Estados Unidos um país que se esclerosou, acabou de um individualismo doentio e que não entende disto. Não entende nem porque João XXIII é o que é. Há uma contradição. Os Estados Unidos não são tão contraditórios dentro do processo / que eles estão empulhados.

Então o que se vai ver? (Pego licença para profetizar um pouquinho). Nos anos seguintes, o homem, cada vez mais consciente, e mais crítico, vai entender que a função da ciência da filosofia é descobrir, apri-
monar os conceitos. E destruir os preconceitos. Portanto o que vai se ver é que nos anos seguintes o homem vai ficar cada vez mais livre de preconceitos. Cada vez mais pessoa humana. Vai cada vez mais se inserir na posição de sujeito, vai cada vez mais compreender a necessidade de inserir os outros seres humanos na posição de sujeito e não tem mais sentido se dizer que há / incompatibilidade entre cristianismo e comunismo. Essa é a minha conclusão. Pode doer a alguns de vocês mas é profundamente sincera e corajosa. Eu não / vejo nenhuma contradição. E vocês vão ver se isto não é verdade que está acontecendo. Cada vez mais há um certo entendimento e o que se está isolando são certos reacionários do ontem, voltados para o passado e voltados / mal para o passado. Daqui uns anos vai se chegar a um ponto que não se pode mais fazer cristianismo fazendo-se anti-comunismo, não tem sentido. Tudo é uma coisa só pelo menos ontologicamente. Agora eu respeito que vocês vão dizer que vão surgir perigos, vão surgir diferenças, de fato existe. Existem / muitas anormalidades, a sociedade humana não é nada perfeita. Mas, ontologicamente não há diferença. Se houvesse, então justificar-se-ia este tipo de cristianismo que me faz rir de rir. Não é este o cristianismo do Padre / que é o nosso grande diretor do movimento camponês, movimento sindical lá em Pernambuco.

Vejam bem, o cristão que sai e vai encontrar o mundo, com medo, não tendo conhecimento do valor extraordinário da ideologia dele, da filosofia sobre o que está baseada toda a razão de ser do cristianismo na face / da terra, este homem desconhecendo isto, sendo cristamente alienado, ele / tem medo. Como ele tem medo ele não tem uma arma na mão poderosa, em que ele confia. Então o que vai fazer? Em vez de construir ele vai destruir. Ele / vai fazer anti-comunismo, anti-protestantismo, anti-bramanismo. Tudo anti.

Pessoalmente eu sei que o cristão tem melhor do que o comunista bramanista, Mulsumano, para construir muito mais que o socialista, o de esquerda ou do centro. Ninguém está melhor aparelhado do que ele. A turma no diz você é profundamente contraditório porque você se diz cristão. Eu não / sou católico nem protestante, nem nada, mas sou cristão porque tenho que ser. Não é porque eu queira nem não queira. É porque fatalmente, todas as conclusões a que eu chego são intrinsecamente chegadas ao cristianismo. E tenho sinceridade, tenho liberdade bastante para me colocar diante de um código de conduta formidável como é o código de conduta do Cristo que me emociona e que é irrefutável. Não tem conversa.

Aparte: O Senhor diz que cristão como o senhor define, então / ser cristão.

- Eu me coloco na posição de sujeito, nestes termos em que defini. No momento em que me ponho na situação de sujeito eu me coloco diante / da natureza, diante dos outros homens e entendo que estou diante destes homens com os quais eu me comunico. De modo que esta esfera de atividade toda a atividade em que estou metido com os outros homens é o mundo da comunicação. Essa grande categoria social. A grande categoria existencial, a comunicação.

O homem diante dos outros homens eles se comunicam porque o homem é um ser de relações. Não existe homem isolado. O individualismo já começa errado daí. O individualismo é uma filosofia alvejada e aleijante. Não / existe homem isolado. O homem é um ser de relações.

Nós por causa disso nos comunicamos. A comunicação é a nossa / grande definição de ser, da pessoa humana. Então se eu conheço a realidade e sou capaz de transmitir este conhecimento (E somos. Nós nos comunicamos, fazemos educação, fazemos cultura, estas coisas todas) se sou capaz de me comunicar, vamos estudar ligeiramente o que é comunicação e o que é este processo de transferir coisas, informações. Este processo tem nome. Chama-se isto democratizar cultura. É um processo de democratização de dar ao povo o que é do povo. A democratização está baseada em certos postulados. Estes postulados, por exemplo: a igualdade ontológica de todos os seres humanos. Objetivamente iguais quer dizer não é que todo mundo pense igual, pe- se o mesmo peso. Os homens são ontologicamente iguais. Quer dizer eles têm os mesmos direitos, são todos iguais perante a lei, a natureza, os outros / homens, a cultura, perante Deus.

O que acontece? Se estamos dentro de uma espera de democratiza- ção vamos ter que comunicar coisas a seres humanos e receber comunicação / de seres humanos.

Há limites para a comunicabilidade? Isto é outro postulado. - Não. A comunicabilidade é ilimitada. Sobre este 2º postulado se baseia a democratização da cultura. Tenho a obrigação se faço democratiza- ção de cultura, tenho o dever de comunicar tudo. Não posso dizer teoria da relatividade só para vocês. Agora para o povo não, para o povo, não pode. Está errado. Se eu tenho que democratizar a cultura tenho que comunicar a / teoria da relatividade para vocês e todo o mundo. São problemas. Temos que instrumentalizar todo o mundo para que eles, uma vez instrumentalizados / possam receber estes conceitos. Mas não há limite ontológico à comunicabi- lidade. A comunicabilidade é ilimitada.

Outro postulado é a acessibilidade ilimitada do conhecimento, da cultura, de tudo enfim. Isto tudo é democratização.

Eu não posso dizer: este romance de Graciano Ramos é inacessí- vel aos sertanejos de Angicos. Não posso dizer isto. Não há possibilidade / de eu demonstrar isto. Ontologicamente e logicamente os homens de Angicos / tem a mesma acessibilidade.

Diante de tudo isto a comunicação é uma coisa só ou admite graus

- A comunicação admite graus. Vou fazer aqui uma graduação. É pos- sível que eu falando para vocês agora esteja aqui neste grau, neste teor, / de comunicação. Mas se eu me proponho a democratizar, se estou fazendo dem- cratização que é dar ao povo o que é do povo, tenho que ampliar muito mais / este meu teor de comunicação e dar a comunicação máxima de que eu tenho a / dizer de alguma mensagem que eu tenha a comunicar.

O grau máximo de democratização é este aqui. E toda a democrati- zação é um ato de amor.

Agora, vou para sua resposta. Eu estou inserido, (pelo menos eu acredito) nesta posição de sujeito. Então eu sou dono de minhas ações, res- ponsável pelos meus atos e sou pessoa humana livre. Investido na plenitude deste ofício que é ser pessoa humana livre. Acredito que a comunicação admi- te graus e que existe um grau máximo. Isto parece lógico, consequente, coe- rente.

Então vou à história do conhecimento humano e procuro uma por- ção de coisas que se fez, uma porção de coisas que se não fez. Encontro co- mo máxima histórica, deste grau máximo de comunicação o Cristo. Aceito o / Cristo. Não posso negar porque seria deshonesto. Seria insincero de minha / parte. Até o dia em que eu usando as Categorias da Ontologia Aristotélica, as Categorias Baconianas, as Categorias da Lógica Matemática, as Categorias Dialéticas do Marxismo, no dia em que eu usando estas ideias gerais e estas ferramentas poderosíssimas no dia que usando estas ferramentas eu demons- trar que Cristo não é assim não e que Cristo não foi o máximo exemplo, ou se- ja no dia em que surgir um exemplo máximo de comunicação de amor, nesse dia eu direi está certo, Cristo não é o grau máximo. Então não me farei cristão. Serei o que o substituir. Mas a gente já esperou 2 mil e tantos anos e não houve substituição. Eu sinceramente acredito que não haja necessidade de su- bstituir por coisa nenhuma. O código está lá. Ele recebeu este código com / um teor de comunicação tão grande que falava a pescadores, prostitutas, le- prosos e tuberculosos e se fazia entender. A coisa nunca foi escrita. Quando

escrita foi aos pedaços, nos Evangelhos, não é nada completo, não morreu, não desapareceu, está aí. Funciona p'ra burro, (risadas).

O que é que eu posso fazer? A minha resposta é esta. (grande ovação).

Isto posto vamos para diante.

A primeira ficha do Paulo é o homem diante de objetos da natureza e objetos da cultura.

Não sei como Paulo conseguiu isto. Mas cada vez que a gente trabalha e ajuda Paulo, cada vez que a gente recebe contribuição daqui, de João Pessoa, lá do Rio de Janeiro, a coisa cresce. E só da minha parte eu consegui ver, depois viemos a ver, a descobrir que era uma experiência espetacular de redução das ciências do homem a vocabulários mínimos e uma experiência moderníssima de um setor das teorias das comunicações para o qual nós não temos ainda uma terminologia consagrada em português. É "encoding" e "decoding".

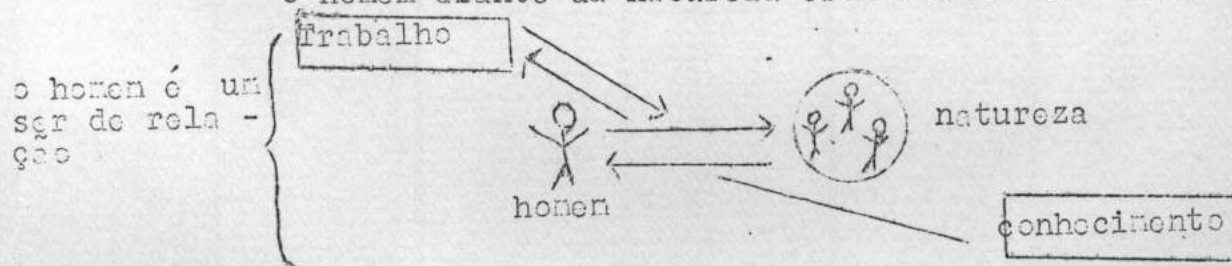
Isso, minha gente, é usado para fazer programação "programming" dos computadores digitais, cerebros eletrônicos, máquinas de aprendizado, máquinas de ensinar. Pois bem, tudo isto que a moderna tecnologia usa, para fazer entre outras coisas estas experiências com astronautas, satélites, foguetes inter-continentais e assim por diante.

Vou deixar para dizer no fim da exposição, como Paulo fez isto mas, por enquanto vocês tenham paciência e fiquem sabendo desde já - que o Paulo, sem nunca ter manipulado nada desses setores que estou procurando manipular, Paulo fez essa coisa. A ficha de Paulo é uma maravilha. Nela, não somente "encoding" e "decoding" mas tem isto aqui: lógica, teoria do conhecimento, reflexologia, semiótica, educação, teoria da comunicação e filosofia do sistema.

Sem falar naquela sociologia, naquela antropologia toda, - quer dizer é uma pílula que a pessoa engole facilmente.

Então eu gosto de começar a exposição a partir daí. O homem, diante da realidade, abre-se imediatamente perspectiva de trabalho já.

O homem diante da natureza está diante de outros homens.



Ora, o homem sendo um ser de relações se comunica e comunica. Graças exatamente a esta palavra mágica que está aqui, comunicação que a cultura é possível.

A comunicação é a categoria fundamental das ciências do homem, das ciências sociais. É uma espécie de motor que faz funcionar, - que dá vida que movimenta a cultura.

Então o que a gente vê? Vê um homem olhando para a natureza (o exemplo da bengala). Pega um pedaço de pau. Ele está diante da natureza, ele recebe algo da natureza, percebe a natureza. É um processo mais passivo. Mas ele volta a agir dialeticamente sobre ela e vai transformar a natureza.

Então enquanto que aqui nós temos a esfera lógica, psicológica das percepções e a esfera da teoria do conhecimento aqui nós temos a esfera do trabalho.

É um homem agindo, graças a sua consciência de volta sobre a natureza transformando-a e conquistando-a.

Vejam que esta coisa que o Paulo Freire arrumou e estou mostrando a vocês é uma aceitação tácita da filosofia realista. Foi essa - posição de Aristóteles que sozinha deu sentido a antiguidade. A antiguidade não teria sentido sem Aristóteles. Seria uma coisa um pouco variada demais. Uns diziam uma coisa, outros diziam outras e Aristóteles vem e põe a antiguidade nos seus ternos. É parte de uma função realista do ponto de vista gnoseológico, do ponto de vista do conhecimento.

A realidade é objetiva e essa realidade é possível de se conhecer. Portanto vejam que é uma posição otimista. Todos os idealismos, geralmente caem em certas formas de diagnosticismos e pessimismo. Não são filosofias ferteis, quero dizer que não foram as filosofias que têm ajudado o homem na sua caminhada. Os idealismos têm sido umas indagações meio osiosas. Muito bonitinhas como o sistema do Kant, mas não conduziu a coisa nenhuma.

Toda a vez que a gente quer construir alguma coisa e quer partir certo na nossa caminhada a gente parte de Aristóteles. É da posição realista. Curiosamente esta posição realista é a de Tomás de Aquino que dá razão de ser à Doutrina da Igreja, que está funcionando, com todos os defeitos e todas as virtudes e é também o ponto de partida de Marx, com todos os defeitos e todas as virtudes e está funcionando. É uma realidade. Não adianta se tentar ignorar Marx. É tão inútil tentar ignorar Marx como é inútil tentar ignorar os Estados Unidos como potência econômica.

Um terço ou mais do mundo civilizado fez a experiência socialista graças a Marx. Para que a gente ignore? Não há razão nenhuma para isto. A gente não precisa ter medo.

Esse é o ponto de partida realista. O homem então, diante da natureza não somente ele funciona, ele manipula nesta faixa mais passiva, mas ele volta a agir dialéticamente ou reagir sobre a natureza mediante o trabalho. O trabalho é um dado do universo em função da consciência. Antes de ter aparecido a consciência do universo, esta coisa não havia, não era possível o trabalho. É quando nas fichas seguintes, Paulo mostra um gato caçando um rato, depois ele mostra um índio caçando um passarinho. E pergunta a diferença entre os dois caçadores. Ali estabelece a diferença entre o "trabalho" feito por animais e o trabalho mesmo feito pelo índio que é homem dotado de consciência, que é ser humano.

O "trabalho" do gato é apenas aparente. Pega o rato, come e vai dormir. O trabalho do índio não. Ele fez aquele arco, aquela flexa que já é uma maneira dele aumentar o seu braço. O braço dele passa a ter 100 metros. Em vez dele ir lá matar o passarinho a flexa é quem vai. Ele já fez o trabalho conscientemente com um fim. Ele já fez a coisa funcionalizada, servindo uma função. Ele mata o passarinho, não somente come o passarinho como guarda um pouco para o dia seguinte, tira as penas e faz roupa para ele. É a consciência, essa dimensão e não é só através dela que o homem se faz homem.

Essa coisa de dizer que o homem é homem porque é racional, tem consciência não tem sentido. É impossível a gente isolar. Está certo. Eu tenho consciência. Me ponham dentro de uma caixa, me isolem completamente da humanidade, me deem comida, estou ali dotado de consciência e tudo isso não sou ser humano. Porque não sou mais um ser de relações. Não me comunico e não comunico coisa nenhuma. E principalmente se eu não trabalho, é do trabalho que o homem se faz mais homem. Esta história de cara dizer "eu sou e homem!" a gente vai ver é um sujeito ocioso, é um cara que explora seus semelhantes. Não é homem coisa nenhuma.

Esta esfera do trabalho vai inaugurar, graças a comunicação, as esferas seguintes, que são as esferas concêntricas em que as ciências do homem se desenvolvem.

A esfera da cultura, é claro. O homem age, transforma esse pedaço de pau num pedaço de pau torcido. Enquanto ele estiver isolado, isso não é cultura. A cultura só começa a ser cultura no momento que ele, como ser de relações comunica isto aos outros homens. Quando a comu-

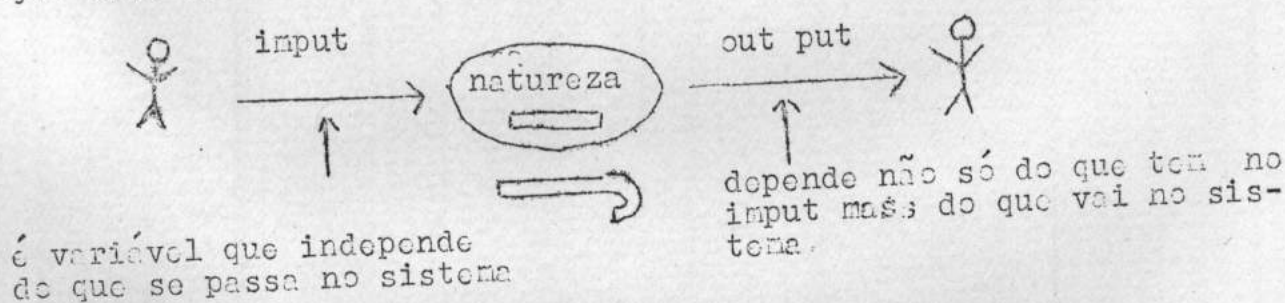
nicação se dá então aquele troço que era objeto de cultura em potencial ganha vida e passa a ter uso, passa a ter significação, valor.

O pessoal diz assim: Ah, Paulo, isto que você descobriu aí que você sugeriu para que os membros da equipe começassem a sugerir, isto, Max Weber tinha dito e o Claparede fez e assim por diante. O Paulo geralmente diz: de fato. Eu não fiz nada disto não. Então fica parecendo com uma anedota verdadeira do Ariano Suassuna.

Ele foi entrevistado no Rio de Janeiro, quando passaram lá o Alto da Compadecida. Então o organizador do programa começou a meter as alfinetadas no Ariano, dizendo: Mas Ariano, me diga uma coisa, você escreveu esta peça? A sucessão dos atos é muito Gil Vicente, não é? Então Ariano dizia: - E'. E depois a dialogação é muito parecida com a de não sei quem. Ariano dizia: - E'. As próprias situações são típicas lá da Paraíba de Taperna, não é? Ariano disse. - E', agora só o que eu fiz foi a peça (risadas).

E' o caso do Paulo. Ele não fez nada disto mas ele reuniu tudo numa síntese que vai possibilitar visões bem mais aparelhadas.

A comunicação é que dá vida à cultura. Antes de se fazer comunicação isso não é uma bengala mas sim um objeto torcido



Mas a coisa é muito mais profunda. Este pedaço de madeira torcido depois da comunicação se torna bengala. Ele só se torna bengala depois da comunicação. Então, na realidade o que foi que houve? Pegou este pedaço de pau e transformou neste pedaço de madeira torcido. Outro homem viu. No momento em que ele viu deu-se a comunicação e isso passou a ser um pedaço de pau torcido mas uma bengala. Sabem por que? Por que esse homem que passou disse: - Ah! toda a vez que a gente pegar um pedaço de madeira e torcer a gente pode usar assim para andar, para ajudar a não cair.

Dá-se a passagem do pedaço de madeira torcido, objeto de cultura em potencial, para objeto de cultura de fato após comunicação quando este homem aqui, na cabeça dele diz: "Toda a vez

Isso em linguagem lógica e matemática moderna é a quantificação. Não é possível cultura sem comunicação e toda vez que através da comunicação uma transformação que o homem opera sobre a natureza transforma-se em cultura houve uma quantificação. Cálculo quantificacional.

Mas tem muito mais que isto. A teoria da comunicação ou filosofia dos sistemas que tanto serve para fazer um cérebro eletrônico como para trabalhar o método do Paulo, ela se baseia no seguinte:

Qualquer sistema implica num "in put" é o termo em inglês e uma saída, um "out put".

"In put" é o que entra no sistema, é elaborado pelo sistema e o que sai é o "out put".

Vejam que coisa séria. Um homem, diante da natureza e diante de outro homem.

Eu isoplei agora dois homens e fiz isso por razões seríssimas. Não é nada arbitrariamente. Porque a comunicação não se entende sem que se tenha pelo menos dois polos. Pelo menos é bi-lateral. Na realidade

ela é multi-canalizada. Eu sozinho, isolado, num planeta inabitado não comunico coisa nenhuma.

O homem diante da natureza reneta isto. Isto é o sistema. Quando ele através do trabalho altera a natureza transformando e conquistando a natureza, ele está empurrando o "in put" sobre o sistema que, no caso não é sistema, é natureza.

Ele pega um pedaço de madeira e transforma num pedaço de madeira torcido. Ele aplicou um "in put" em algo da natureza, para transformá-lo, conclusão: toda a técnica é "in put".

Já se tem base aí para começar a definir as categorias fundamentais da economia a partir da filosofia do sistema.

O que é técnica? Técnica é "in put". O homem dentro da natureza, a natureza como intermediária entre o homem e os outros homens.

Vocês sabem que a pirâmide econômica está baseada toda nestas categorias: é a técnica, o capital, é (esqueci).

A bengala só sai quando há comunicação. Ela sai para outro homem que podia ser, ele mesmo (vocês vão ver quando e como) Mas no momento é outro homem, é a e b. O "out put", então é a bengala. Define-se então o seguinte: todo o uso e toda a significação é um "out put". E a natureza serve de mediador entre um homem e outros homens.

Cultura então é este movimento que vai de "in put" através da natureza como mediadora, para "out put", portanto de ser humano a ser humano, graças à comunicação. Esse movimento é motorizado pela comunicação.

Isto é uma visão de teoria da comunicação, um troço absolutamente novinho, fresquinho, filosofia do Sistema. Um engenheiro eletrônico querendo transformar a programação de um computador digital, por exemplo, uma máquina IBM, ele vai raciocinar em termos disto "out put", sistema.

Agora ainda tem mais. O "in put" é uma variável que depende do que se passa dentro do sistema.

O caráter de transcendentalidade da consciência humana está definido aí. Claro, nenhum "out put" é independente do que se passa dentro do sistema que é a natureza. Mas se o homem, posto diante dela na posição do trabalhador de transformador da natureza se ele impõe mesmo um "in put" sobre a natureza, então claro, está posto em evidência o caráter de transcendentalidade de independência da consciência em relação ao sistema mediador natureza.

E outra coisa, o "out put" é uma variável que depende não somente do que se tem no "in put" como do que vai pelo sistema. Ela depende daqui e daqui.

Todo o uso e significação dependem inicialmente daquela transformação que o homem impõe sobre a natureza, depende da natureza das leis físicas, e claro, a gente se faz um foguete sair se ele puder vencer a gravidade, isto, aquilo, aquilo outro, a resistência do ar, uma porção de coisas.

Mas, o "out put" depende também do que está aqui fora. Vocês sabem o que está aqui fora? É o mundo da cultura. O uso depende da cultura. Se eu botar um calcinha curta, vier falar para vocês, todo o mundo ri. Lá na Austrália ninguém ri. O uso depende do que está aqui fora.

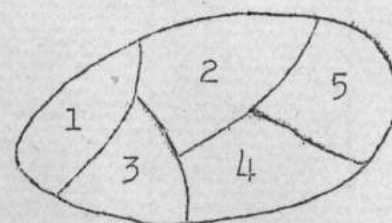
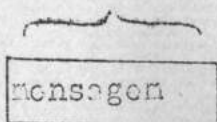
A primeira ficha de Paulo está errada, Paulo ante ontem disse: Jarbas, está errada esta ficha. Não se podia nunca ter colocado somente naquela sequência de fichas esta ficha assim - o homem diante da natureza - Porque? Porque tem que se colocar o homem diante de outros homens através da natureza. Portanto mostrando o papel mediador da natureza. Claro, nas novas fichas será uma maravilha. A gente vai cortar tal vez a metade ou mais o tempo necessário para conscientizar o homem.

Isto é um capítulo da comunicação que se chama de "programming" É em programming que se vai fazer "encoding" e "decoding" agora eu vou dizer o que é.

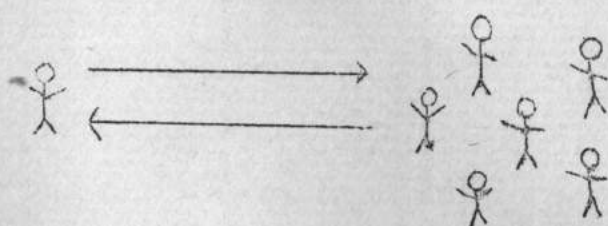
"Encoding" - a comunicação só é possível porque o homem é ser de relação. Me coloco em contato com outro homem e me comunico, nós nos inter-comunicamos. Dois homens que se comunicam.

Acontece que o programa do Paulo é um coordenador colocado/diante de milhares de homens. Vamos dizer 50. E Paulo tinha que comunicar esta coisa. Ele tinha que entregar uma mensagem. Quando a gente comunica, comunica algo. Esse algo é a mensagem. Essa mensagem tem uma propriedade. Pode variar para mais ou para menos. Chama-se informação.

Maior ou menor
teor de informação



Mensagem partida em blocos



Hoje a gente fala no conteúdo de informação de uma mensagem. A gente não somente fala. É possível medir a informação. Mas medir por que? A gente pega aqui a informação. É a mensagem e ela está cheia de informação. A gente pode parti-la em blocos de informações elementares. A estes blocos nós damos nomes, sinais. Eu posso dar letras/ou números. Dígitos. Porque computador eletrônico se chama computador digital? É porque pega através da programação dele e quebra em números, em dígitos. Vocês querem fazer um problema num contador digital? É 1,3,4, tudo em número. Ele trabalha, trabalha e dá resposta em letras.

Quando quebro uma informação em números, em dígitos eu digitalizo para poder medir, programar, eu estou fazendo "encoding". O cérebro eletrônico trabalha e dá a resposta em palavras porque fez a decodificação, fez o "decoding". Ele desfaz a quebra e a representação em blocos de informação.

Não foi outra coisa que P.F. fez. Ele pegou uma ficha e fez um "encoding" espetacular. Ele quebrou não uma informação simples, mas todo um exército de antropologia cultural. Vejam que mensagem! É por isso que eu digo ao Paulo e peço licença para dizer a vocês. Digo/Paulo, está lá a ficha é "pregnant" grávida, totalmente grávida. Porque é mesmo. Ele pegou todo o Universo, no caso, vocês vão ver que é o universo vocabular ou o universo conceitual da antropologia cultural/ e fez "encoding" interno. Quebrou em blocos assim, largos traços e trouxe para cá e jogou tudo isto de uma maneira fabulosa, espetacular. Não tenho a menor dúvida de que o trabalho de Paulo é genial. Ele fez isto mas sentiu que isto não teria significado, porque a comunicação é pelo menos bi-canalizada, bi-lateral.

Então que ele fez? Disso é preciso que nós decodifiquemos, façamos o "decoding" é exatamente o papel do coordenador.

O coordenador com 20 ou 30 alfabetos projeta a ficha e vai fazendo o "decoding" da ficha, ele vai puchando aqueles blocos de informação. Como são informações muito vivenciais, existenciais é fácil e a coisa vai saindo...

Aquilo da comunicação é de 1962. Pois ele pega isto e junta com Sócrates e está aí o milagre. Ele realiza Sócrates através de todas as ferramentas formidáveis da ciência moderna mais recente. A genialidade de Paulo está reduzida aí a uma fórmula. É preciso um sujeito muito grande, um verdadeiro titã para pegar o passado e juntar com o presente assim. É uma coisa espetacular. Ele fez isso. Agora faz naquela simplicidade que vocês conhecem.

Vocês já viram então o que é que ele fez e qual é a técnica/que nós temos que manipular para fazer cada vez melhor.

Vocês vão alfabetizar Natal. Vocês chegam lá em Recife e dizem. Estas fichas prestam ou não? Seria desonesto se o Paulo (isso é impossível, mas vamos imaginar) se o Paulo se alvorasse de dono de tudo e dissesse eu acho que não presta. Por mais benevolentes que vocês fossem esta coisa dele dizer "eu acho que não presta", eu, torcava a coisa subjetiva, portanto dependente da opinião de Paulo. No momento em que a gente se apropria dessas técnicas da teoria da comunicação "Programming", "encoding" e "decoding" vocês vão lá dizer: estas fichas prestam? Então Paulo dirá: Nós vamos analisar. Nós vamos quebrar estas fichas todas em blocos de informações e vamos ver o rendimento que vocês atingiram.

É possível. A gente faz uma estatística simplíssima para medir o teor de informação de cada bloco, e depois medir, o rendimento. Rendimento de entrada, de saída. Medir até a dificuldade que um coordenador vai ter no momento em que ele estiver decodificando as fichas. Pode se medir tudo. Vai funcionar, se Deus quiser.

Partindo daí só é preciso dizer mais um coisinha. Vou colocar mais duas retas. Reparem como isto aqui implica numa esfera lógica, gnoseológica, psicológica e assim por diante.

Essa daqui implica na esfera das ciências do homem é a antropologia, através do trabalho. Isto tudo está dentro deste universo da comunicação.

Observem que quando o homem conhece a natureza, se ele está isolado, como eu impus aqui, esse conhecimento é apenas, subjetivo. Ele ainda não comunicou este conhecimento a ninguém. Nesse sentido este conhecimento não é cultura. Ainda não. Quando ele comunicar este conhecimento aos outros seres humanos, com os quais ele está em relação, graças à comunicação esse conhecimento passa a ser cultura.

Conhecimento só é cultura mesmo quando ele é conhecimento objetivo. Conhecimento que passou pelo crivo da comunicação.

Por Exemplo: se um homem pega um pedaço de bronze e faz uma estátua, ele isolado, ainda não havendo a comunicação, ele ainda não fez cultura.

Cultura não existe sem comunicação e só passa a ser cultura quando entram essas duas categorias de uso e significação, mediante a aquela quantificação.

Isto posto eu pergunto. E a gente não pode transferir conhecimento objetivo? Em realidade todo o conhecimento subjetivo tem que se transformar em conhecimento objetivo. Porque o homem tem necessidade de se comunicar. Mesmo aquele homem que é vizinho da gente, que não fala com ninguém, não é amigo de ninguém na rua. Mas, que no jardim dele cultiva flores, ele está se comunicando não pela palavra mas pelas flores. Pela transformação que ele está operando na natureza.

A comunicação é muito fácil. Não é só chegar e dizer o fulano morreu. Isso não. Mas esta transferência de conhecimento objetivo é a educação. Mas a educação é coisa muito séria. Não é só transferir, não. Porque a educação já é uma zona muito complexa da atividade.

Aquí está o ser. O homem isoladamente faz parte da categoria de ser. É um conceito que tem uma extensão imensa e uma compreensão mínima.

Depois ele olha para fora de si e toma conhecimento da realidade cosmológica lá fora, objetiva, independentemente dele. Então vem a categoria de realidade.



Está aqui a esfera da realidade. Aqui estaria por exemplo, a Metafísica, aqui a Cosmologia oscilando entre estas duas esferas ficaria a Lógica e a Teoria do conhecimento, se bem que a teoria do conhecimento bem mais basta. Mas chega um momento que nos vamos ter necessidade de uma outra esfera. É a esfera da comunicação. Em vez de botar a esfera da comunicação eu vou botar aqui em baixo a "consciência", entre parentese e aqui a "comunicação". A partir desta esfera é que vai ser possível o mundo da cultura, o mundo da ciência humana.

As esferas seguintes todas elas farão cultura, no sentido de conhecimento objetivo, escrito no livro.

A educação seria alguém nesta esfera. É muito mais complexa. É como se fosse uma cebola, toda cheia de capas. Esta esfera da educação já pressupõe tudo que está por baixo e assim por diante.

Acontece o seguinte. Educação será a educação como nós entendemos ou como fulano de tal a entende. Se fulano de tal entende, como um reacionário, como um sujeito que não é democrata, ou se ele a entende como individualista, a educação se recente de todos os seus preconceitos, passa a ser uma educação exotérica. Por exemplo, a educação brasileira.

O Paulo Freire diz a educação brasileira não é educação de comunicação nem de inter-comunicação de seres humanos. É uma educação de comunicados. É uma frase excelente.

Outro exemplo: Vamos ver a Universidade da gente. É totalmente voltada sobre si mesma. É uma contradição fabulosa, dentro do processo histórico brasileiro.

Vejam bem, eu simplifico talvez demais a situação dizendo o seguinte: nós somos 1% contra 99%. A Universidade Brasileira, calculada por mim estatisticamente, com dados de I.B.G.E. a partir do seguinte conceito: População Universitária Brasileira não chega a 0,7% esta como uma minoria dentro desta minoria. Essa Universidade está totalmente truncada, voltada para si mesma. Faz uma educação exotérica. A educação pela educação. Eu gosto muito de usar umas palavras de Ariano. Ariano ainda hoje é meu professor de Estética. Nós somos muito bons amigos. Um dia estávamos discutindo sobre isto. Educação pela educação, cultura pela cultura, cultura elite, arte pela arte. Ariano visou pra mim e disse.

•Sabe de uma coisa, eu não discuto não. Quem acredita em arte / pela arte, cultura pela cultura, educação pela educação é porque não acredita em nada.

Geralmente é um sujeito destituído de fé. Mas eu digo fé num sentido muito pouco preconceituoso. Digo crença na objetividade da realidade exterior, crença de que o conhecimento é possível, ou crença em Cristo, em Deus, no desenvolvimento brasileiro.

Todo o sujeito destituído disto realmente é um sujeito estéril, e sabe o que ele vai fazer: arte pela arte, cultura pela cultura. Isto é o que acontece na Universidade Brasileira como ela hoje existe. Universidade voltada sobre si mesma. Agora regamente paga pelo suor deste povo que ela condena ao obscurecimento, ao embrutecimento. Regamente paga pelo suor deste povo que ela esconjura, repele. Paga por um povo ao qual ela esconjura, repele.

Paga por um povo ao qual ela fecha suas portas. Este critério da educação não é o que eu acho que vocês entendem por educação.

Em que sentido nós entendemos a educação?

- Educação democratizada. Educação que parte do princípio de dar ao povo o que é do povo.

A cultura pertence a ele. A cultura não pode ser feudo de elite nenhuma. De grupo nenhum. De universidade nenhuma.

Para entender direitinho isto precisa ver a comunicação em detalhe. Para isto vamos tocar no problema da democratização da cultura. Ou no problema da democratização em geral.

Isto está baseado em alguns postulados.

1º - igualdade ontológica de todos os homens.

Os homens são todos iguais perante a lei, perante tudo.

Principalmente perante ao conhecimento que é o que nos interessa.

2º - acessibilidade ilimitada ao conhecimento e à cultura.

Esta história de dizer que certos homens não têm possibilidade de chegar a este conhecimento é conversa fiada. A cultura está lá, é algo objetivo, pertence a todos. Dizer que os matutos não podem, dizer que João Sebastião Bach não se pode tocar para o pessoal de Angicos, ou no Círculo de Cultura de Recife, ou na Associação de Bairros, conversa fiada. A acessibilidade é ilimitada, ninguém tem este direito, esta autoridade pra chegar e botar um

3º - a comunicabilidade ilimitada do conhecimento e da cultura.

Chega um sujeito e diz, não posso dar uma aula de literatura brasileira aos operários da zona do cabo em Pernambuco, porque esses operários são inferiores. Eles não vão entender.

Isto é conversa fiada. O que há é o seguinte: é que este homem, ou esta equipe que vai dar este curso de literatura brasileira pode comunicar mais ou menos, muito ou pouco. Então põe-se a culpa na equipe e não nele. Agora, isto que eu estou dizendo aqui eu digo da maneira mais violenta e axiomática. Não é capricho meu, nem da nossa equipe. Isto é fato comprovado.

Exemplo: Ariano Suassuna em 1952, sabem o que fazia? Trabalhava com os operários no SESI, junto com Paulo Freire. E esse homem que é um dos maiores dramaturgos aqui no Brasil, traduzia a Antígona de Sócrates e os operários faziam isto e faziam bem. Eu li os artigos em 52. Verdadeiras maravilhas que este homem opera lá.

Ora, mas não pode, porque é inacessível. A Antígona de Sócrates é inacessível aos operários de Pernambuco. Mas então não há possibilidade de se comunicar nada para estes homens? São os donos da cultura, os papai-zinhos do saber, se revoltaram imediatamente. E essa coisa foi desmoralizada, totalmente pelo Ariano.

Ainda ante-ontem eu aprendi com Ariano um dado espetacular para nosso trabalho, nossa atividade aqui no Brasil a partir do sistema de Paulo. Vocês vão ver qual é. Eu tinha escrito isto. Pensava que tinha feito a coisa e não fiz coisa nenhuma. Nos chegamos à conclusão que a comunicação tem graus. Por exemplo, a democratização da cultura não se fará jamais por todo o indivíduo tísnado com preconceitos, queimado com ressentimentos ou pequenos ódios, pequenas diferenças pessoais, repito a democratização jamais se fará por este indivíduo porque ele é incapaz de um ato de amor. Democratizar é amar. É vocês terem na sua mão um cabedal imenso de cultura reunido paulatinamente ao longo de séculos de trabalho da humanidade, e vocês pegarem aquilo e não querer só para vocês egoisticamente e num ato de amor, com base nestes postulados, que são do mais puro cristianismo, vocês entregarem, darem alguma coisa. E pra isto é preciso esse gesto fundamental, inicial básico essencial de amor.

Existem graus, e nós sabemos que o amor é o máximo grau e que é através dele que a gente rompe com fronteiras.

Se tem aqui junto de mim um colega que talvez seja muito radical, a gente não está se entendendo bem. Se ele tiver grandeza d'alma, pra, em benefício de algo que é objetivo que é o bem comum, que é o gran-

de critério da aferição, se êle tiver grandeza d'alma, para em benefício disso aceitar certas coisas, sacrificar outras que êle acha, que êle não acha, de forma que com isto êle vá contribuir para o bem comum, isto é um gesto de amor e reparem como isto rompe as nossas fronteirinhas.

A democratização da cultura toda é feita a partir dessa condição "sine qua non". Quem não tem capacidade de amar, quem é queimado - por certos resquícios de egoísmo, tem raiva do povo, enfim uma série de coisas que não deviam estar lá, por mais que faça não fara democratização da cultura. Porque democratização da cultura é arregaçar as mangas e ir suar a camisa com êle lá fora. E' a gente não querer ser dono de coisa nenhuma, não querer ser papai de sabedoria, dono de verdade.

E' aprender com eles. E' a gente fazer o grande sacrifício que certos setores de esquerda, pessima esquerda alias, tem aqui no Brasil, que quando a gente diz a eles que é preciso instrumentalizar o homem para que êle de posse das ferramentas que são de direito, toda a humanidade, eles conduzam, então estes papai-zinhos, maus esquerdistas, não querem renunciar a posição. Então o que a gente vê? Lá em Recife em nome das Ligas Camponesas fala um estudante. Isto não tem mais sentido esta superado.

Em nome dos Sindicatos Rurais falou o Mané Ferreira, um sindicalista, um matuto, pé duro. Falou completamente desinibido, instrumentalizado, senhor de si, inserido na posição de sujeito. Dono de suas vontades, chegou lá e falou com o governador. E é bom. Êle fala sem forma. Comunica um grau terrível, um teor imenso de informação de conteúdo e não está dando a menor bola a forma. Forma não vale nada. Forma é um meio e não um fim.

Existem certos setores que ainda estão assim meio apegados a esta coisa e em realidade estão desmoralizados. E daí o grande teor de revolucionaridade desta arma de Paulo, de instrumentalizar as massas. Então elas conduzem.

Eu tinha falado que tinha escrito que se a comunicação tem graus e se a democratização está dentro desta coisa grande que é a comunicação, então a democratização tem graus também. Claro. A Escola radiofônica serviu; sua função foi um grau de democratização e menos, do que representa agora o sistema Paulo Freire. Pelo menos o método de Alfabetização de Adultos.

E' triste a gente ver como os preconceitos tismam a consciência, a alma dos homens.

Certos esquerdistas lá em Recife, diziam: A escola radiofônica é melhor do que o método Paulo Freire. Nunca foram ver, nunca se deram o trabalho de se apropriar de nada destes setores, que a gente está devassando lá pra ver.

Estavam dizendo apenas um preconceito besta, idiota. Custou muito suor. E graças a Deus a gente tem um governador lá que é pra valer mesmo e o Arraes. Arraes é um baluarte, é um homem poderosíssimo, fortíssimo como uma pedra, como um rochedo. Este homem não se deixou levar por preconceitos e derrubou. Então os esquerdistas não se desmoralizaram mas foram levados a ver que eles estavam num troço errado. Eles estavam baseados num preconceito, num conceito previo.

Agora vocês vejam, como é facil a gente dismantelar a coisa.

A democratização admite graus. Eu digo que a Escola Radiofônica está aqui e o Método Paulo Freire está aqui.

E' muito facil o método Paulo Freire. E' um método eclético. E' uma síntese, é uma harmonia tão imensa, comparado com a Escola Radiofônica que se apropria de uma quantidade imensa de canais de comunicação. Inclusive o amor, inclusive aquele indivíduo que se chama coordenador que vai "decodificar" as fichas. Êle vai pra lá num gesto de amor. E depois todos os canais audio-visuais. A Escola Radiofônica só tem ida. Aqui está o transmissor. A volta não tem. Com bases objetivas, sobre as quais a gente pode ser axiomático. Já começa daí o grau inferior da Escola Radiofônica. Isto a gente vai citando exemplos para vocês verem como a coisa é seria.

da democratização como consequência dos graus da comunicação incluído, o seguinte: Não se pode entender um cris-

um cristianismo que não seja uma praxiocristã. O problema é não se dizer: Eu sou cristão. Porque? - Porque domingo eu vou à missa. É cristianismo de fim de semana. O que é que há? (rizadas).

Praxis quer dizer prática, doação ato de amor, dentro de um processo maior de comunicação de democratização. Não se entende um cristianismo que não seja pelo menos um fenômeno cultural.

Entre outras coisas a comunicação e a democratização da cultura implicam a cultura popular.

O que é cultura popular? Democratização da cultura é o seguinte: Em termos gerais, baseados na igualdade ontológica, nestes postulados vamos olhar para o homem não mais diante da natureza, diante de outros homens. Vamos olhá-lo diante da cultura, acontece que se estes postulados fossem naturalmente aceitos, o professados por todos os homens todos os canais de comunicação a saber: ler, e escrever, falar, publicar artigo na imprensa, ler livros da União Soviética, dos Estados Unidos, de Cuba, viajar pra Rússia, para os E.U., televisar, cinema enfim tudo. Se isto fosse naturalmente admitido pelo consenso geral, então nós teríamos uma sociedade "normal" em que a cultura é uma só.

Acontece que isto não é assim. Os preconceitos, as briguintas, as faltas de comunicabilidade, as faltas de amor isto tudo começa a agir como consequência impõe-se uma porção de anormalidades. No fim quase não pode encher a cultura.

De fato antes do M.P.F. não encher a cultura não. Quando vi a 1ª ficha descortinou-se... foi uma explosão.

Imaginem os operários, proletários, camponeses. Esses homens não podem mais. Canais de comunicação todos fechados para eles. Não sabem nem ler nem escrever, numa sociedade assim de classes, sociedade toda dividida em que uns têm todo o direito outros não têm nada. Uhs, uma minoria pequeníssima é a dona do mundo. O resto são os escravos, são os homens que não são sujeitos. São homens que foram aleijados colocados na posição de objetivos de outros homens.

Pois bem a cultura então fica dividida. Tem uma cultura aqui e a cultura de elite.

Cultura popular, hoje em dia, dentro do contexto do trânsito brasileiro vem a ser o quê?

Cultura popular é todo o processo de democratização da cultura que tem por objeto acabar com este abismo, e nivelar a coisa. Mas não é nivelar embruteando a cultura chamada de elite, vulgarizando a cultura de elite. Nada disto. É fazer a nivelação através da educação democratizada em que se instrumentalizou e se redimiu o homem. Não através de uma doação. Mas pela instrumentalização ele se redige, ele sobe e ele então se põe à altura da cultura da elite. Então não tem sentido esse negócio da cultura de elite, João Sebastião Bach da para mim e o Caco Velho e pra ser ouvido aí na rua, Não tem sentido isto (por sinal eu gosto muito do Caco Velho).

Sim tem outra. Conversando com Ariano Suassuna eu disse a ele: Ariano, eu cheguei a seguinte conclusão a acessibilidade se bem que se já ilimitada mas ela também admite graus, tal como a comunicação e democratização. A acessibilidade a cultura admite graus. Ora, o grau máximo de comunicação é o amor. Então qualquer acessibilidade que estiver mais proximamente vinculada com isso, será a acessibilidade máxima. De fato, o teatro é a forma mais complexa de arte, em realidade é uma síntese de todas as artes. Então tudo quanto é de teor de amor, dessas artes componentes, somadas é uma coisa imensa de amor que explica a acessibilidade maior.

Geralmente quando falo disto gosto de me lembrar. Claro, muito antes do homem, mesmo na situação de massa embruteada, fazer ciência, muito antes da massa ser povo, portanto em estágios primitivos, antes de fazer ciência, reflexão crítica, o homem dançou, cantou, pintou. É o vínculo direto.

Conversando com Ariano descobrimos uma ferramenta poderosíssima. Vejam bem, Ariano é especialista em Estética e conhece profundamente a Idade Média. Essa Idade Média que os preconceitos querem fazer

passar como se fôsse uma noite de mil anos. A Idade Média teve suas vicissitudes, suas sujeiras, seus erros, seus retrocessos, mas não foi só isto. Teve virtudes. Logo de entrada, desmoralizadora para os que têm preconceitos, e ter descoberto, aprimorado e difundido Aristóteles. Bastava isto, não sou eu, é Lenine e é Marx. Totalmente insuspeitos. Escrevi um artigo numa revista reacionária danada, que tem lá em Recife, a Revista ^{ago} ra não é mais reacionária (não é por causa do meu artigo) (risadas). Neste artigo eu dizia o valor da Idade Média. Certos donos de certa esquerda caíram sobre mim dizendo: que eu era reacionário, voltado para a Idade Média. Não vou nem discutir. Vai ver, nem leram. Já não se diz mais, eu - li seu artigo. Se diz eu vi seu artigo.

Ariano, numa aula, diz a mim que na Idade Média os textos do Teatro eram apenas esqueletos. De modo que o pessoal, o povo pegava o roteiro e improvisava.

Na Idade Média o que havia? Um analfabetismo bárbaro. Os canais de comunicação eram poucos em número. No aleijamento da nossa sociedade hoje temos um efeito semelhante. Na verdade os canais hoje são muitos, mas fechados para grandes setores da população.

Vai-se então repetir a experiência da Idade Média, sem preconceitos.

O nosso homem, o nosso analfabeto não é embrutecido? - Não. Então vamos fazer a experiência do teatro medieval com o nosso homem.

Ariano diz: perfeitamente, não admito nenhum outro caminho - que não seja assim; é começar pelo começo. E tem mais o seguinte: O operário que não sabe ler direito, decora mal. Sabe por que? Porque não tem o 3º sistema de sinalização bem montado. É aleijado mentalmente. A memória dele é capenga. Isto é vivência de Ariano.

É capaz da gente fazer a ressuscitação dos tempos medievais. Por que não?

Abriu-se nova frente de trabalho.

Vamos ver isto interessa a vocês que são alfabetizadores. É interessante vocês verem isto. Vou simplificar o mais possível.

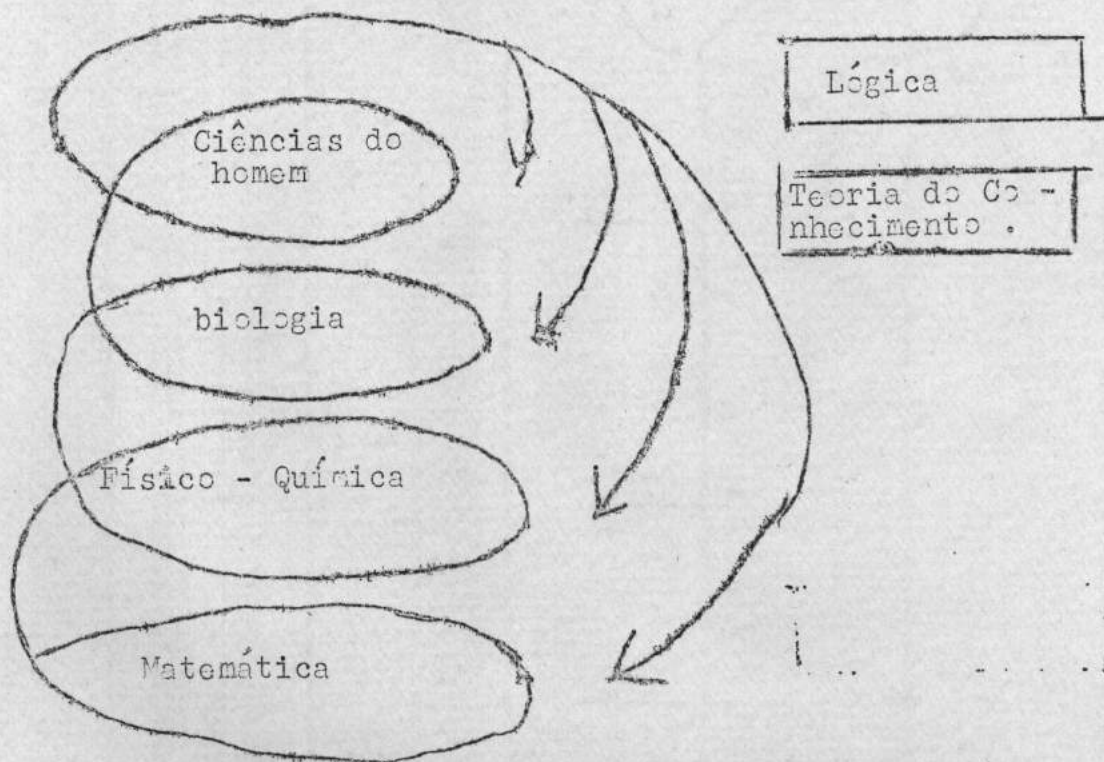
O homem está diante da natureza, ele está diante do espaço, do tempo, dos corpos, do fluir. Não é por coincidência que Aristóteles definia a natureza como um princípio de movimento. Seja como for, o homem diante da natureza e quando os estuda, está fazendo matemática; não é coincidência nenhuma de as matemáticas estarem na base de todo o conhecimento humano. Não é coincidência nenhuma de ser a grande categoria social e antropológica do homem, a comunicação e ser estudada agora, muito recentemente pela chamada Filosofia dos Sistemas, Teoria da Comunicação em termos de teorias matemáticas. É um encontro dos dois sistemas. E nada disto é coincidência. É por causa disto.

O espaço-tempo condiciona isto que Aristóteles chamava de "physis". É a realidade exterior, cosmológica. Os astros, a terra, etc. estudados pelas ciências físico-químicas. Esta é a realidade cosmológica. Aqui impera o movimento. Por que o que é o movimento? É uma fusão do espaço e do tempo.

Esta realidade condiciona a realidade que eu vou chamar de "bio" estudada pelas ciências biológicas. Não se pode fazer biologia antes de ter feito nada disto que está para baixo. Aqui estaria a "psyche", ciências do homem. A Filosofia estaria aí. Mas geralmente eu gosto de me referir à Filosofia como sendo a curvatura deste sistema sobre si mesmo. Porque é através da Filosofia que o homem toma conhecimento do conhecimento e faz como Russel por exemplo: descobre milhares de coisas que hoje em dia são pasto onde vão comer os matemáticos.

Isto seria talvez não a Filosofia mas o Filosofar. A Filosofia seria mais a coisa feita e a coisa se fazendo seria a reflexão. Seria mais esta curvatura, voltada sobre o próprio mundo. É engraçado. Hegel, na dialética da natureza, define a consciência assim: "a consciência é aquilo através da qual a natureza se volta sobre si mesma". Hegel tem umas frases bonitas. Aliás, a dialética toda é linda.

A Lógica então o que seria? Será um compartimento da Filosofia e um setor, uma parte do Filosofar através da qual o homem baseado em certos postulados e nas categorias ele estabelece os nexos à realidade interior. Nexos estes que são nexos da consciência e que não são arbitrários nem podem ser.



O que acontece é o seguinte: aqui está dentro da cabeça do homem e aqui está fora da cabeça do homem. Existem nexos entre os fenômenos. A natureza é toda ela uma grande conexão. Os fenômenos estão todos eles sujeitos a leis. A consciência é um fato da natureza. E', tem seus nexos também. De modo que em realidade nós temos um cosmos aqui fora e um cosmos aqui dentro.

Estes nexos aqui, estas leis são descobertas, arrumadas pela lógica.

Como a gente pega isto e faz funcionar para obter conhecimento lógico, portanto sistemático, organizado, a gente faz teoria do conhecimento.

A Lógica não podia de maneira nenhuma deixar de se matematizar. Existem preconceitos na Igreja Católica; Existem ainda hoje preconceitos na União Soviética contra a Lógica Matemática. Isto está tudo superado. Não há razão nenhuma pra gente impedir que a Lógica use o instrumental, instrumental da matemática. Hoje, recebi um livro do "Frol". Ele - disse assim: "Já era tempo, felizmente já se pode trabalhar na União Soviética em Cibernética em termos tanto da Dialética quanto da Lógica Matemática". Mas até pouco tempo eles não aceitavam não.

Os neo-escolásticos que seguem a linha do Maritain, também - querem que não se faça a matematização da Lógica ou a Logicização da Matemática. Isto já está superado.

Ela se matematizando faz uma coisa engraçada. Ela diz o seguinte: Se isto tem razão de ser os vocabulários de todas as ciências devem ter pelo menos dois tipos de linguagem.

Uma seria a linguagem lógica comum a todos estes vocabulários. Como uma espinha dorsal.

Eles com a lógica matemática reduziram.

A linguagem lógica é uma coisa decepcionante. Tem um sinal de igual fazendo as vezes do verbo ser ou outros sinais. Tem uma palavra como todo, e as conjuntivas e, o, mas, se, logo. E' uma tolice. O vocabulário lógico é pequenino.

Postulam eles: nenhum cientista fará ciência que não seja manipulando os postulados e categorias da Lógica.

Isto é o instrumental mínimo. Cada ciência, cada cientista tem o seu linguajar, sua gíria.

A Lógica matemática, então, separou esta linguagem lógica, essa espinha dorsal.

B. Russel juntou com Whitehead escreve uns 5 ou 6 livros e diz que não somente esta espinha dorsal mas o próprio vocabulário de cada ciência pode ser reduzido ao vocabulário mínimo. É a espinha dorsal e mais alguma coisa.

O vocabulário mínimo então será aquilo, em termos de que ele vai dizer tudo o mais que se possa dizer naquela ciência.

Se alguém, numa ciência como a Geografia disser algo, como, - por exemplo "A França está ao oeste da Inglaterra". Com o vocabulário mínimo de Geografia, isto é dito em muito menos palavras. Quase que sinais. Usa aquele mínimo, aquele suco em termos de que tudo o mais se diz.

Foi o que Paulo fez. A superação da Cartilha se faz em termos de vocabulário mínimo. A cartilha da 300 palavras, 100.

Paulo levanta o universo vocabular e tira dali um mínimo de palavras com as quais os homens eles mesmos descobrirão todas as outras - 200 mil palavras do vocabulário da língua portuguesa.

É essa a significação lógica da Lógica Matemática da descoberta do Paulo. É isto que ele faz.

O Método Paulo Freire pode ser aplicado do jeito que ele está para crianças? Responde-se não e tem-se várias razões para isto. Metodológicas, Pedagógicas e de Lógica Matemática.

Nos diríamos assim. A criança não é capaz de uma meta-linguagem e o adulto é.

Uma criança raciocina em termos de linguagem. Quer dizer - frases. Por exemplo: O marinheiro chegou. Tanto que a moderna pedagogia diz que a unidade psicológica da linguagem é a frase e não a palavra.

A criança funciona em termos de linguagem.

Uma meta linguagem é dizer: O marinheiro chegou, está no - passado.

Então este todo é uma meta linguagem; a linguagem: O marinheiro chegou.

Há um mundo infinito de meta linguagens.

Poderíamos dizer:

O marinheiro chegou.

O marinheiro chegou, está no passado.

O marinheiro chegou está no passado, é uma proposição.

O marinheiro chegou esta no passado é uma proposição complexa.

E sair arquivando milhares de coisas e tendo meta linguagens de 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, infinito.

A criança não raciocina em termos de meta linguagem, não.

O adulto raciocina.

Um exemplo de meta linguajar espetacular, é quando o coordenador estava mostrando uma ficha em Angicos e perguntando o que é que é da natureza, o que é da cultura, um matuto disse: Esta ficha que está aí também é da cultura porque foi um homem que fez.

Ele meta falou a respeito desta coisa toda.

Por que ele pode fazer isto e a criança não?

A gente sai da lógica e vai para a reflexologia. Porque o 2º sistema de sinalização dele e os que daí se seguem estão muito mais bem montados e bem desenvolvidos. Porque é através do trabalho que o homem desenvolve o seu 2º sistema de sinalizações e daí pra frente.

Olha a importância do trabalho visto do ponto de vista psicológico. O homem, dotado de consciência age sobre a natureza transformando-a e conquistando-a mas quando ele faz isto ele trabalha e o próprio trabalho se volta sobre a consciência e enriquece essa consciência.

Existe outra contribuição no campo da semiótica que interessa a vocês verem porque é de caráter profundamente técnico. Decisório.

Eu ponho aqui o homem diante da natureza, ele trabalha, conhece, transmite conhecimento, educa.

Esse conhecimento quando é objetivo se veste de uma roupagem que é a linguagem.

O conhecimento objetivo inclusivo para se desenvolver precisa da linguagem. A linguagem verbal ou gráfica. Essa linguagem é estudada pela semiótica, estudo, ciência dos sinais.

Quando ela estuda os sinais ela faz assim. Pega a reflexão, os sentidos, as percepções, aqui o 2º sistema de sinalização que nos estamos dividindo em vários sistemas de sinalizações, aqui estariam os nomes, aqui a escrita desses nomes, os sinais gráficos.

O homem diante disto o que faz? Olha e vê ou um objeto ou então um sinal de objeto.

Este sinal é uma coisa. A significação é a propriedade do sinal. Este homem olha para o sinal. percebe através dos sentidos.

A interpretação do sinal é dada pela semântica, pela sintática. pela pragmática.

Isto é muito importante para vocês verem. E' altamente decisório.

A semântica estuda (vou repetir um homem, diante de um sinal que por sua vez representa um animal) este vínculo entre sinal e ser que o le designa.

A Sintática estuda o seguinte: Vamos dizer que em vez de "X" em realidade o que nos temos é isto: c-a-c-h-o-r-r-o. Pois bem, a gente escreve cachorro assim, porque nos nos apropriamos de leis sintáticas que dizem que é assim mesmo que a gente escreve em português. A sintática de outra língua já é diferente. Em hebraico tinha que começar de ca pra lá.

E ela estuda não somente isto mas, é fato que prá eu dizer que este cachorro é branco, coisa que eu disse verbalmente eu tenho que dizer o cachorro é branco é aquela coisa $S \iff O$ da lógica aristotelica.

Isto é manipulado pela sintática.

A pragmática estuda o sinal no seu teor de significação com relação no homem que usa o sinal.

Quando vocês que são alfabetizadores vão ao encontro de adultos analfabetos e fazem como em Angicos fizeram o levantamento do Universo Vocabular, e que vocês precisam escolher uma palavra geradora, ou 6, ou 10, vocês têm que ter um critério para fazer isto. Paulo Freire usava de uma mancira geral, pouco detalhada o critério fonêmico e um critério de conscientização, de politização.

Hoje em dia a gente vê ao microscópio, porque em realidade o que se passa é o seguinte: a gente tem que descobrir um critério, uma palavra no universo vocabular que reuna em si a maior carga possível dos 3 critérios juntos.

Vejam bem. Escolheu-se belota. Esta palavra semióticamente falando, quer dizer do ponto de vista de sinal, de riqueza fonêmica, é uma beleza: ba, be, bi, bo, bu; la, le, li, lo, lu; ta, te, ti, to, tu. Mas, não tem nenhuma pragmática. E' desastrada esta palavra. A gente jamais escolheria esta palavra se fôsse fazer de novo. Porque ela tem 90% de teor semiótico, sintático; terá talvez 10% de teor semiótico, vinculação da beleta aquele troço que está no rebenque do vaqueiro de Angicos. Vínculo semiótico existencial.

Mas é o teor pragmático que nos interessa porque nós queremos conscientizar para motivar para democratizar, e abrir os canais de comunicação? Falta. Zero em pragmática. Não presta. Essa palavra foi deastrada.

Agora isto que hoje em dia a gente manipula assim começava a ensaiar os primeiros passos, eu sempre digo, eu via o galo cantar e não sabia aonde. Comecei a dar assim umas explicações para uns meninos na Pontífcia Universidade do Rio de Janeiro e quando eu terminei a explicação, tu do enrolado, eu não sabia onde o galo estava, agora, ouvia o canto. O Airton se levanta e diz - "E' isto, o negócio é este". Contribuição dêle. Es talou na cabeça dêle e hoje temos um critério assim. E objetivo, independe da gente.

(Pergunta sôbre a pragmática)

- A pragmática, em vez de opinião eu vou dar exemplos. Repare: Se quero alfabetizar como uma palavra como agua. Vou cometer um erro horrível e violentar a pragmática se ensinar em Angicos que agua é H²O.

Pragmática nenhuma. Zero em pragmática. Mas, se eu quizer eu posso carregar esta palavra pragmaticamente.

Aí é meio pau, porque aí eu estarei fazendo a coisa meio subjetiva, depois dou outro exemplo melhor, de degrau em degrau. Eu posso - em vez de dar água H²O, em Angicos, eu dar água como irrigação, seca Rio - São Francisco, Nordeste, Sudeste. Mostro a ele como a água em realidade para o homem do Nordeste esta carregada, ela implica num sem número de coisas, de significação fundamental para o desenvolvimento brasileiro. Mas - não vamos pegar esta palavra. Vamos supor que nós vamos para um morro - qualquer, uma favela e o sujeito escreve uma palavra assim como a "felicidade". (risadas)

Vamos analisá-la; foneticamente, é meio tôla essa palavra porque repete ela semioticamente e repetitiva, e um desgaste, la, le, li, lu, já pensou?

Pragmaticamente, eu acho que não tem muita coisa para tirar. Felicidade é uma abstração, e depois tem isso, é um substantivo abstrato. A gente deve partir, obedecendo ao maior vínculo possível semântico, partindo de substantivos concretos, de realidades concretas, quer dizer, já perdeu também do ponto de vista semântico.

Por que não a gente ir para favela e pegar uma palavra como voto.

Olha aí a pragmática desta palavra é terrível, ela esta carregada de repercussão para o indivíduo que usa esta palavra. Tanto/ que quando a cartilha do MCP saiu todo mundo dizia isso e subversão.

Por que?

Porque na cartilha se fala em voto, povo, pão. O voto é do povo. O pão é do povo. É pelo voto que o povo arranja o pão. E assim por diante. E por isso que é subversivo, mas não tem nada de subversivo.

É uma palavra profundamente pragmática. Quer ver uma palavra possivelmente pragmática: reacionária. Quer ver uma mais pragmática / ainda, e tão pragmática, que hoje em dia se uma como nome feio: você é um comunista, não é? São palavras de teor pragmático muito carregado. Lá no Rio de Janeiro, o Jomard fez experiência com "favela". Ele sumitiu a palavra favela. Isto lembra a todos que estudaram lógica, a árvore de Pofirio. O Jomard, sumitiu a palavra favela. Agora saiu botando, palavra que estavam contidas aí na extensão, como por exemplo: injustiça, batucada, samba, morro, fome, voto, governador, Carlos Lacerda (risadas).

Pedi ao pessoal para escolher a melhor palavra. Pois bem, a gente morreu de rir, quando descobriu que nenhuma delas tinha a possibilidade de incluir, as maiores percentagens possíveis de critérios, como a palavra que englobava isso tudo, que era favela. Essa palavra é ideal. Semioticamente, ou seja, foneticamente, todas as possibilidades, ou sejam quase todas, número tremendo. Semânticamente é um vínculo existencial profundo que eles tem, ou aonde eles vivem.

Depois justiça ou injustiça, eram substantivos abstratos. Favela é concreto mesmo. Mais vínculo semântico. Sintaticamente, claro, porque com favela, o homem sendo adulto, sendo capaz de uma meta linguagem, ele pode pegar e separar o "f" para lá, o "a" para cá e agindo sintaticamente e metalinguajando ou metafalando ele pode meter um "r" aqui e fazer fa, fe, fi, fo, fu, e fra, fre, fri, fro fry. E assim por diante. Ele é capaz de manipular isto muito mais. Enfim nos descobrimos que a favela é a melhor. 100%.

Isto teve interesse básico prá vocês. Eu tenho a impressão/ que cheguei aonde eu queria.

Terminou. (risadas e palmas).